

LEITURA, LITERATURA E ENSINO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO PARFOR: UM RETRATO DE PROFESSORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO

Rozeane Pereira Lustosa¹ Kilmara Rodrigues dos Santos²; Francisca Emanuely Morais de Barros³

Olford Walters College and University (UNIGRENDAL) - rozeanecat2@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – kilmaraok@hotmail.com

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – mbemanuely@gmail.com

RESUMO

Com a finalidade de apresentar um perfil dos alunos-professores do curso de Pedagogia na modalidade PARFOR, deu-se essa pesquisa, de cunho quali-quantitativo, com foco no processo de formação de professores no que se refere a sua condição de leitor, a partir de um levantamento de dados. Assim, temos um retrato de professores em processo de formação com suas especificidades no que se refere ao gênero, idade, etapas da educação em que atuam, há quanto tempo atuam como professor e em quantas escolas trabalha, para a partir de então, chegar a algumas conclusões acerca das suas concepções sobre própria condição de (não) leitor e ainda com que frequência fazem uso da literatura no cotidiano de sala de aula, afim de ainda com isso poder avaliar em que ponto(s) a literatura pode influenciar positivamente na qualidade do acesso a leitura para crianças em processo de letramento. Foram aplicados questionários dirigidos a 20 (vinte) alunos do PARFOR, todos professores em exercício. Após o levantamento de dados, através do questionário aplicado, além do embasamento teórico e a observação acerca do desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos alunos-professores envolvidos nessa pesquisa, concluiu-se que a literatura, quando levada para sala de aula com determinada frequência, pode ajudar a compreender a constituição da vida intelectual de professores e alunos, tornando-os melhores leitores. Através dos dados obtidos, é possível que se faça uma rediscussão sobre leitura no Brasil, o que implica na necessidade de revisar caminhos já percorridos e continuar indo em busca de novos, sob outros olhares, outras perspectivas que possam, se não explicar, mas tratar de tais caminhos e descaminhos por onde perpassam os elos entre língua escrita, sociedade e cultura, que podem servir como objeto de análise sob diferentes pontos de vista.

Palavras-chave: Formação de professores, literatura, leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

Quando escreveu o livro “A importância do ato de ler”, certamente o patrono da educação brasileira tinha um propósito: numa linguagem clara e objetiva, ele trata do quanto é imprescindível a leitura para um grupo social. É no mesmo livro que consta a célebre frase “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, considerando o fato de que todos trazem consigo uma bagagem pessoal e intransferível para compor esta capacidade leitora. Ora, se ainda enquanto criança, a leitura de mundo colabora com a formação de um indivíduo leitor, quiçá na fase adulta?

Assim, o cotidiano dos professores deve ser recheado de leitura. Aqui, considera-se a importância dos diferentes tipos de encontros com a Literatura no

decorrer de uma vida dedicada à educação. Assim, este trabalho tem a finalidade de apresentar, um perfil dos alunos-professores em processo de formação no que se refere a sua condição de leitor, considerando desde relação da pesquisadora com os participantes da pesquisa, como professora supervisora de estágio, até a observação das aulas desses alunos-professores do curso de Pedagogia na modalidade PARFOR, para acompanhar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita deles.

Manifestações literárias vêm contribuindo das mais variadas formas com a formação de professores leitores por todo o país. A fim de colaborar com tais manifestações, foi escolhido o método de pesquisa, em consonância com Bardin (2011).

Esse trabalho envolve a leitura “flutuante”, ou seja, houve um primeiro contato com os participantes da pesquisa. Em seguida, apresentados os documentos em forma de questionários que seriam submetidos à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientaram a interpretação e a preparação formal do material.

Conseqüentemente, foram elaboradas questões objetivando traçar um perfil dos alunos-professores em processo de formação de duas turmas do curso de Pedagogia em regime especial da cidade de Patos, no que se refere a sua condição de leitor, colocando a Literatura como incentivo à melhoria do ensino e da aprendizagem significativa.

Para chegarmos até esse ponto, foi necessário percorrer uma trajetória composta por várias etapas: definição do corpus da pesquisa, elaboração e aplicação do instrumento de coleta e análise dos dados, exploração do material e tratamento dos resultados (BARDIN, 2011, p. 125).

Assim, passando pelo compromisso de pensar em estratégias que possam contribuir para a melhoria da educação no Brasil e considerando a participação ativa do processo de formação de professores como parte essencial nessa ideia, colocamos nessa pesquisa, algumas estratégias que, certamente podem contribuir para incrementar a aprendizagem das crianças, pela participação direta desses professores em processo de formação inseridos no curso de Pedagogia do PARFOR.

METODOLOGIA

Como primícias, as ideias defendidas aqui são: a partir de um levantamento de dados, através dessa pesquisa de campo de cunho quali-quantitativo,

exibir um retrato de professores em processo de formação com suas especificidades no que se refere ao gênero, idade, etapas da educação em que atuam, há quanto tempo atua como professor e em quantas escolas trabalha. Para a partir de então, chegar a algumas conclusões acerca das próprias concepções sobre sua condição de (não) leitor. E ainda, para avaliar em que ponto(s) a literatura pode influenciar positivamente na qualidade do melhoramento do acesso a leitura para crianças em processo de letramento.

Desse modo, a ideia consequente é chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental dos envolvidos nesse processo empírico. Pois esses motivos, essa modalidade de pesquisa é aquela dedicada ao tratamento da "face empírica e fática da realidade; onde produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fático" (Demo, 2000, p. 21), facilmente realizável em sala de aula.

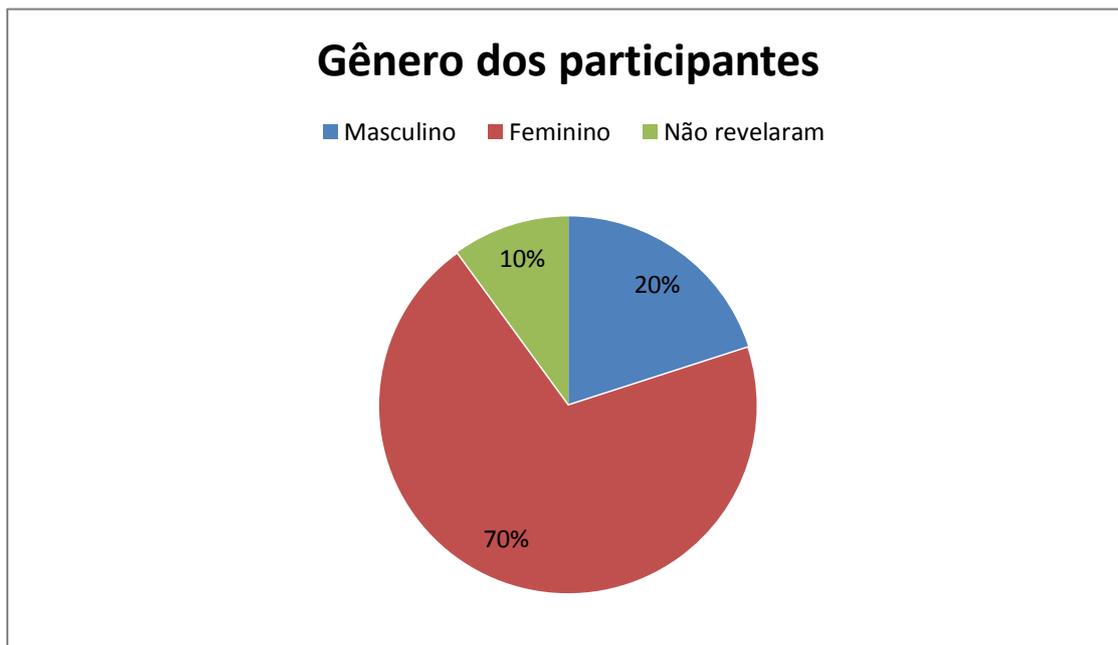
Para alcançar a representação almejada, foram aplicados questionários dirigidos a 20 (vinte) alunos do PARFOR, todos professores em exercício. Pois, através deles, é possível que se faça uma rediscussão sobre o processo de aquisição da leitura no Brasil, o que implica na necessidade de revisar caminhos já percorridos e continuar indo em busca de novos, sob outros olhares, outras perspectivas que possam, se não explicar, mas tratar de tais caminhos e descaminhos por onde perpassam os elos entre língua escrita, sociedade e cultura que podem servir como objeto de análise sob diferentes pontos de vista.

A literatura pode fazê-lo um multiplicador do ato de ler, para que assim, possa contribuir para o nascimento de outros leitores, como observa Ezequiel Theodoro da Silva (2007b, p. 40), "a maneira pela qual o professor concebe o processo de leitura, orienta todas as suas ações de ensino em sala de aula". Para que isso seja possível, é preciso que o professor se perceba como um agente essencial, apresentando-se aberto para a mudança necessária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a pesquisa objetiva um traçar de perfil de professores em processo de formação, iniciamos pelo gênero dos participantes, como representado no gráfico 1:

Gráfico 1 – Gênero dos participantes



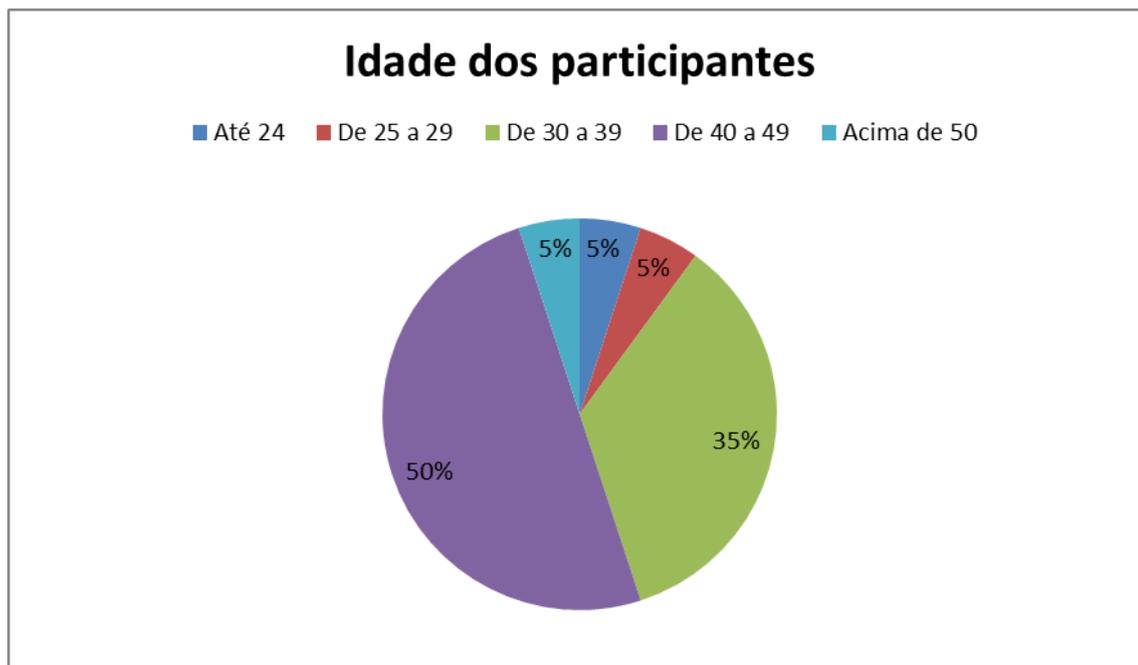
Fonte: dados organizados pela pesquisadora, 2017.

Nota-se que o público de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental é de maioria feminina (70%), no entanto, aqui, gostaria de enfatizar os 20% que representa o gênero masculino e os 10% dez por cento que não revelaram o gênero, o que pode ser objeto de pesquisa a *posteriori*, pois vem reportar um estudo divulgado por Simone Harnik Da Redação do Todos Pela Educação em 2011, que afirmava que as mulheres eram 81,5% do total de professores da educação básica do país. E essa maioria permanecia em todos os níveis dessa etapa, exceto apenas da educação profissional.

No entanto, a participação de outro(s) gênero(s) no lidar com alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental vem crescendo no decorrer do tempo, quebrando paradigmas históricos, como aponta a socióloga Magda de Almeida Neves, da PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Segundo ela, a sociedade brasileira ainda associa a função do professor de toda a educação básica a características geralmente consideradas femininas, como a atenção, a delicadeza e a meiguice. Quando o que deve ser considerado nesse sentido é a metodologia do trabalho profissional.

O gráfico 2 traz a variação de idade dos pesquisados como comprovação da importância de ser parte, diante das exigências de formação trazidas pela contemporaneidade.

Gráfico 2 – Variação de idade dos alunos-professores participantes da pesquisa



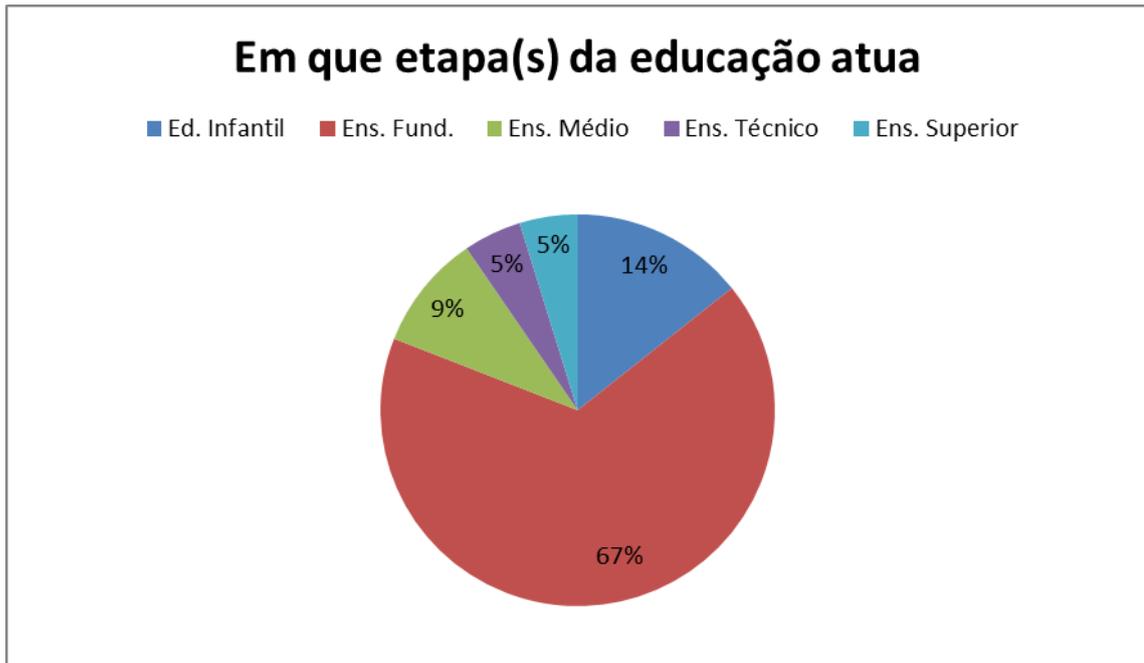
Fonte: dados organizados pela pesquisadora, 2017.

Considerando a experiência dos alunos-professores do curso de Pedagogia, vê-se que a maioria (50%) deles, está na idade entre 40 e 49 anos. A maior parte destes com metade da vida dedicada à sala de aula. Na idade do amadurecimento fizeram a opção por voltarem a estudar atendendo ao chamado do Plano Nacional de Formação de Professores.

O PNE (Plano Nacional de Educação) prevê que todos os professores da educação básica possuam formação específica, de nível superior, até 2024. De acordo com pesquisa divulgada por Paulo Saldaña no jornal Folha de São Paulo (publicação de 23/01/2017) dos 2,2 milhões de professores do país, aproximadamente 24% dos professores sequer possuem formação de nível superior. O que compromete diretamente o processo de aprendizagem dos alunos.

É interessante notar que há no PARFOR, experiências diferenciadas no que concerne às etapas da educação onde atuam os participantes da pesquisa, no entanto comprova-se que a maioria dos envolvidos trazem suas experiências do Ensino Fundamental, como mostra o gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 – Em que etapa(s) da educação atua

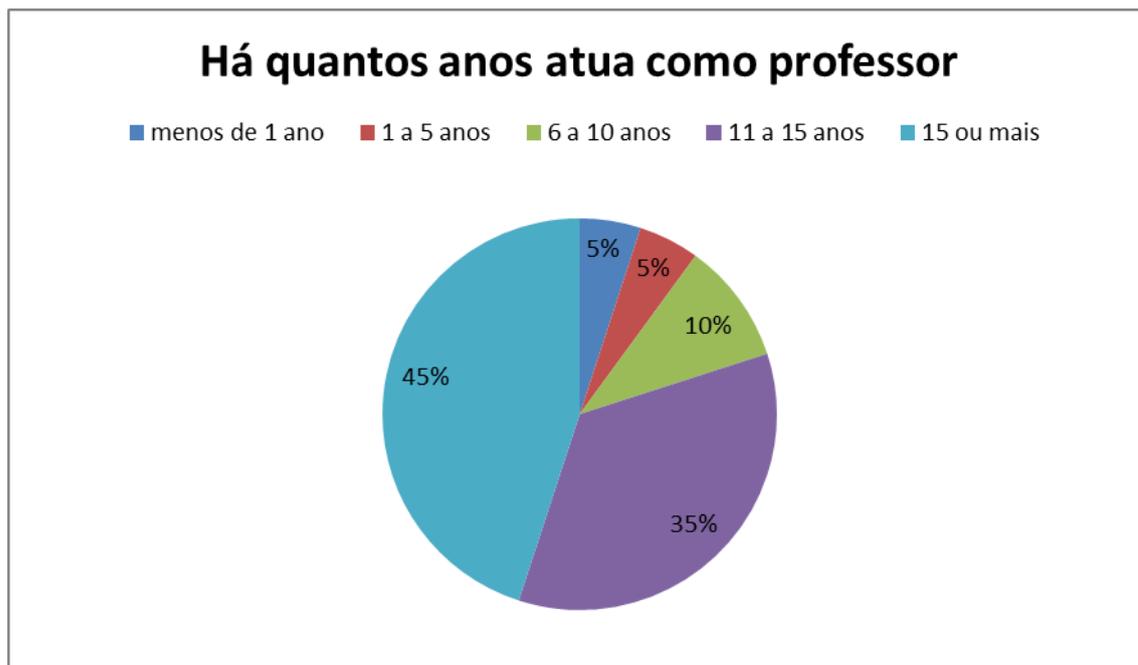


Fonte: dados organizados pela pesquisadora, 2017.

Como resultado do questionamento acerca das etapas de educação onde atuam, expõe-se como aponta o gráfico que a grande maioria deles (67%), atua no Ensino Fundamental – etapa escolhida para o estudo de caso posterior. 14% dos alunos atuam como professores da Educação Infantil. Ainda 9% destes, atuam no Ensino Médio, seguidos do Ensino Técnico e Superior: ambos com 5% de participantes.

Gráfico 4 – Há quantos anos atua como professor

Para Pimenta (2002, p.20) os saberes da experiência são aqueles advindos da história de vida, das relações que os docentes obtiveram ao longo de suas vidas no contato com a escola ou estão em formação para exercer este ofício. Sendo assim, foi questionado o tempo de experiência na profissão. Ao que obteve-se como resposta:



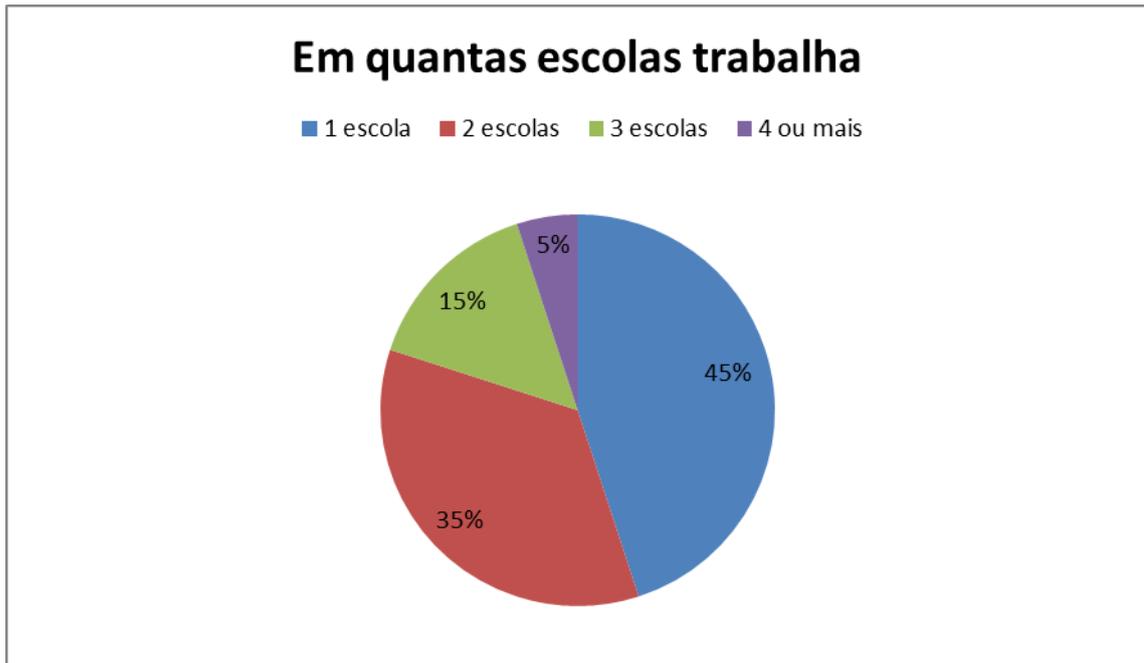
Fonte: dados organizados pela pesquisadora, 2017.

O gráfico 4, explicita 45% dos pesquisados com mais de 15 (quinze) anos de atuação em salas de aula, onde “os saberes da experiência são aqueles provenientes da história de vida pessoal de cada professor e também são saberes produzidos pelos professores no cotidiano de sua prática” (TARDIF 2007, PIMENTA 2002).

São, na verdade, todos estes que atuam diretamente no “chão” das escolas, construindo seu legado e deixando sua contribuição na formação de novos leitores. 35% dos questionados, estão de 11(onze) a 15 (quinze) anos na educação. 10% deles, de 6 (seis) a 10 (dez) anos, seguidos de 5% que atuam entre 1 (um) e 5 (cinco) anos e outros 5% que atuam há um ano, apenas.

Gráfico 5 – Em quantas escolas trabalha

Em si tratando de Brasil, são muitos os fatores que induzem um professor a atuar em mais de uma escola, portanto, ainda em busca do perfil desses sujeitos da pesquisa, foi perguntado em quantas escolas cada um atuava. O que resultou nas respostas a seguir:



Fonte: dados organizados pela pesquisadora, 2017.

Dos questionados, 45% atuam em apenas uma escola, o que certamente vem a ser um facilitador, apesar de que se considere que o profissional pode atuar em outras instâncias, além dos propósitos de vida pessoal. Todavia, 35% dos professores dessa amostra, atua em duas escolas, 15% em três escolas e 5% deles atua em quatro escolas ou mais concomitantemente.

Enquanto pesquisadores e profissionais de educação, consideramos alto o número de professores que são levados a atuar em mais de uma escola, tendo que conciliar diferentes propostas pedagógicas, em diferentes espaços, com públicos também diferenciados e ainda assim, ter sucesso na transmissão do conhecimento.

Percebe-se também que sabem sobre o ser professor por meio da experiência socialmente acumulada, as necessidades que praticamente nos obrigam a enxergar as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e estereótipos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação (PIMENTA 1999, p. 20).

De acordo com Madalena Freire (2014), “pensar sobre a prática sem o seu registro é um patamar da reflexão”, no entanto, muitas experiências significativas deixam de servir de

modelo para outras possíveis experiências de sucesso pela falta desses registros na cotidianidade.

O imediatismo, a recorrente correria, e a necessidade de mediar algumas situações que exigem improviso, procuram em vão explicar o porquê de tanto se deixar a desejar a importante questão do planejamento prévio, da prática de leitura, das possíveis ressignificações na construção do desenvolvimento profissional do futuro (ou mesmo atual) professor, fazendo com que este adquira uma leitura crítica da realidade, entendida em consonância com o discurso freiriano, como uma forma de intervenção no mundo. Isto porque “Toda prática educativa implica uma concepção dos seres humanos e do mundo” (FREIRE, 2007, p.51).

O fio condutor que permeia por entre as duas etapas desta pesquisa foi exatamente a relevância que assume o crescimento das pesquisas acerca da formação de professores, representado pelo seguinte questionamento: como está a relação dos professores em processo de formação com a literatura? E ainda, como contribuir para a formação de novos leitores, não sendo um leitor? – É possível lembrar aqui da importância da imitação para o aprendizado, quando comprova-se que determinadas ações contribuem para o desenvolvimento mental da criança, uma vez que estimulam a linguagem oral, além de constituírem etapa importante na posterior produção do próprio texto escrito, que atesta sua maturação, como se dá na afirmação de Held, quando diz que:

Dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real-imaginário. É fornecer-lhe não apenas materiais para construção de sua brincadeira e para a invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também, materiais para suas construções de histórias (1980, p. 53).

É preciso, incentivar para que se voltem para as salas de aula algumas práticas como a leitura em voz alta, que tem a capacidade promover momentos onde se trocam ideias, se socializam visões de mundo e contribui diretamente para a formação do leitor iniciante. Em momentos assim, de interação, a literatura pode contribuir eficazmente, na medida em que a situação de leitura é promovida.

No entanto, é preciso também enfatizar que o propósito aqui não é questionar a eficiência desse ou daquele professor, tampouco a metodologia de trabalho de cada um, mas sim, sua relação com a leitura, com a literatura, enfatizando que é necessário ter os pensamentos registrados por escrito e que isso vem possibilitar a

ação da revisão, revelando o produto do próprio pensamento, possibilitando rever, corrigir, aprofundar ideias, ampliar o próprio pensar (FREIRE, p.71).

Dessa forma, foi aplicado um questionário aos 20 (vinte) participantes da pesquisa acerca de práticas pedagógicas que incentivam a aprendizagem significativa a partir da literatura. Ao que resultou no seguinte:

Sobre a frequência com a qual desenvolve determinadas práticas de leitura com os alunos, foi questionado se os professores fazem com que estes copiem textos ou resumos do livro didático ou do quadro. Dos 20 (vinte) entrevistados, (alunos-professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental), 9 (nove) afirmaram que semanalmente fazem com que os alunos copiem textos e/ou resumos do livro didático ou do quadro. 8 (oito) disseram que o fazem algumas vezes por mês, 2 (dois) fazem esse tipo de atividade uma vez por bimestre e apenas 1 (um) afirmou ter essa prática uma vez por mês.

Perguntados sobre a prática de levar para a sala de aula textos retirados de jornais, internet ou revistas, a maioria deles ficou entre a prática semanal ou algumas vezes por mês: 8 (oito) de cada. Os outros entrevistados fazem com menos frequência ou não fazem.

Sobre o fato de ler e/ou usar contos, crônicas, poesias ou romances relativos a algum tema do currículo, 13 (treze) no universo de 20 (vinte) professores afirmaram que semanalmente fazem uso da Literatura como um facilitador para o trabalho em sala de aula. No entanto, dos 7 (sete) restantes: 2 (dois) tentam relacionar alguma obra literária a algum outro tema do currículo uma vez por mês, 2 (dois) uma vez por bimestre e 3 (três) afirmaram nunca terem tido essa preocupação.

Sobre a frequência com a qual desenvolvem práticas de análise e produção textual com os alunos, foram também questionados sobre a possibilidade de incentivar a produção de contos, crônicas, poesias (clássicas ou em cordel) ou romances em sala de aula, ao que apenas 9 deles responderam que fazem isso com frequência, o que nos remete a uma preocupação no sentido de que, a maioria dos alunos, apesar de serem instigados a ler, não tem esse mesmo incentivo quanto a produção escrita.

Os dados obtidos nessa pesquisa vem de encontro a ideia de que os professores brasileiros, em sua maioria, não tem o hábito de ler ou fomentar a prática de leitura literária, como tratado no livro *Retratos da Leitura do Brasil 3*. A obra analisa a pesquisa de mesmo nome feita pelo Instituto Pró-Livro, sob organização da socióloga Zoara Failla. No livro, ela traz uma amostra de cerca de 5.000 professores ouvidos em 2011 – onde destes, de 145

entrevistados sobre hábitos de leitura, em todo o Brasil, apenas três docentes disseram que gostam de ler no tempo livre.

CONCLUSÃO

Após o levantamento de dados, através de questionário aplicado, além do embasamento teórico e a observação acerca do desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos alunos-professores envolvidos nessa pesquisa, foi possível exibir um retrato destes profissionais em processo de formação com suas especificidades.

Tendo como ponto imprescindível o fomento à leitura tanto para estes, em processo de formação como, também para os alunos com quem trabalham, chegamos a conclusão de que a literatura é representada como fonte incentivadora dessa construção.

Por ser uma atividade prazerosa, faz com que o professor que lê se sinta à vontade ao levá-la para sala de aula seja através de contos, crônicas, poesias ou romances. Ela representa também conhecimento a partir do momento em que serve de inspiração para cada aula que considera manifestações de cultura ou costumes de um povo, porque há um mistério no texto literário que leva o aluno-leitor a interpretar sobre diferentes olhares uma mesma obra. Logo, a literatura está enraizada no ser humano como um meio de transformação do próprio indivíduo, conforme sua realidade.

Portanto, por ser um dos instrumentos de construção teórico-metodológica da interpretação da realidade, os procedimentos de leitura por meio da sua literatura, por meio da textualidade, pode ajudar a compreender a constituição da vida intelectual de professores e alunos, bem como da sociedade pertencente a um determinado momento histórico. De fato, a literatura pode influenciar positivamente na qualidade do melhoramento do acesso a leitura para professores em processo de formação e crianças em processo de letramento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2011.

DEMO, Pedro. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. _____. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

FAILLA, Zoara. Retratos da Leitura no Brasil: Editora: Imprensa Oficial, 2008.

FRANCO, M. A. S.; LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), v. 37, p. 63-97, 2007. FREITAS, H. C. L. Formação de Professores no Brasil: 10 anos de embates entre projetos de formação. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 80, p. 137-168, 2002.

FREIRE, Madalena. Educador. Educ a dor. Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler; em três artigos que se completam. 7. Ed. São Paulo, Cortez/Campinas, Autores Associados, 1984.

_____, Paulo. Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. 12 ed. São Paulo: PAZ e TERRA, 2007.

HELD, J. O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica. 3a . edição. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus editorial, 1980. (Novas buscas em educação, vol. 7)

SILVA, Carmem Silvia Bissoli da. Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade. São Paulo: Autores Associados, 1999.

DIALOGISMO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dialogismo> Acesso em 01 set 2017.

<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/05/19/retratos-da-leitura-mostra-melhoria-no-perfil-do-leitor-brasileiro> acesso em 05 de março de 2017.

O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E A VALORIZAÇÃO DOCENTE: CONFLUÊNCIA DO DEBATE NACIONAL Silke Weber.

DISPONÍVEL EM: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n97/1678-7110-ccedes-35-97-00495.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2017.

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2011/03/03/brasil-8-em-10-professores-da-educacao-basica-sao-mulheres.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/01/1852259-quase-50-dos-professores-nao-tem-formacao-na-materia-que-ensinam.shtml> . Acesso em 11 de agosto de 2017

PIMENTA, Selma Garrido, (org.). Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In. *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 15-34.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 8a edição Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.